

REDE URBANA REGIONAL, CIDADES MÉDIAS E CIDADES PEQUENAS: análise a partir da Região Geográfica Intermediária de Montes Claros-MG/REGINT de MOC

Iara Soares França¹ 

Anete Marília Pereira² 

Beatriz Ribeiro Soares³ 

RESUMO: A heterogeneidade espacial, social, econômica e política de cidades e regiões expressa uma das mais importantes características do complexo e híbrido processo de urbanização contemporânea. Por um lado, tem-se cidades dinâmicas demográfica, estrutural e economicamente e, por outro, há cidades de baixa e média complexidade em termos estruturais e socioespaciais conformando sistemas de interdependência e complementaridade funcional a elas articuladas. As redes urbanas integradas por um conjunto de centros urbanos; seja por metrópoles, cidades médias e cidades pequenas; refletem e condicionam o padrão atual de urbanização, entre outros fatores. Nesta direção, este artigo analisa as dinâmicas concernentes à rede urbana conformada por cidades médias e cidades pequenas na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros-MG/REGINT de MOC, Minas Gerais, Brasil. Nesta região geográfica as cidades médias exercem importante centralidade pelo papel econômico e infraestrutural, especialmente no setor de saúde, tal como constatado neste texto. A metodologia adotada, quali-quantitativa, baseou-se em explanação teórica, pesquisa documental e pesquisa de campo em municípios da REGINT de MOC com observação direta e realização de entrevistas com 16 gestores públicos (secretários municipais, prefeitos e vice-prefeitos) que foram indagados sobre os principais problemas da região, formas e meios de enfrentamento e apontamento de possíveis soluções.
Palavras-chave: Rede Urbana; Cidades Médias; Cidades Pequenas; REGINT de MOC.

REGIONAL URBAN NETWORK, MEDIUM-SIZED CITIES AND SMALL CITIES: analysis from the Intermediate Geographic Region of Montes Claros-MG/REGINT of MOC

ABSTRACT: The spatial, social, economic, and political heterogeneity of cities and regions constitutes one of the most salient features of the complex and hybrid process of contemporary urbanization. On the one hand, there are cities that are demographically, structurally, and economically dynamic; on the other, there exist cities of low and medium complexity in structural and socio-spatial terms, forming systems of interdependence and functional complementarity to which they are articulated. Urban networks, composed of a set of urban centers—whether metropolises, medium-sized cities, or small towns—both reflect and condition the current pattern of urbanization, among other factors. In this context, this article analyzes the dynamics of the urban network constituted by medium-sized and small cities in the Intermediate Geographic Region of Montes Claros (REGINT-MOC), Minas Gerais, Brazil. In this region, medium-sized cities exert significant centrality due to their economic and infrastructural roles, particularly in the health sector, as demonstrated in this study. The adopted methodology, combining qualitative and quantitative approaches, was based on theoretical discussion, documentary research, and fieldwork conducted in municipalities within the REGINT-MOC. This included direct observation and interviews with 16 public officials (municipal secretaries and mayors), who were asked about the region's main challenges, the strategies and instruments employed to address them, and potential solutions.

Keywords: Urban Network; Medium-sized Cities; Small Cities; REGINT of MOC.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil – iara.franca@unimontes.br

² Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil – anete.pereira@unimontes.br

³ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil – brsoares@ufu.br

CIUDADES MEDIANAS Y PEQUEÑAS: análisis de la Región Geográfica Intermedia de Montes Claros-MG/REGINT del MOC

RESUMEN: La heterogeneidad espacial, social, económica y política de las ciudades y regiones expresa una de las características más importantes del complejo e híbrido proceso de urbanización contemporánea. Por un lado, existen ciudades dinámicas desde el punto de vista demográfico, estructural y económico, y por otro, ciudades de baja y media complejidad estructural y socioespacial, que conforman sistemas de interdependencia y complementariedad funcional articulados a ellas. Las redes urbanas integradas por un conjunto de centros urbanos —ya sean metrópolis, ciudades medianas o pequeñas— reflejan y condicionan el patrón actual de urbanización, entre otros factores. En este sentido, este artículo analiza la dinámica de la red urbana formada por ciudades medianas y pequeñas en la Región Geográfica Intermedia de Montes Claros-MG/REGINT de MOC, Minas Gerais, Brasil. En esta región geográfica, las ciudades medianas ejercen una importante centralidad debido a su papel económico y de infraestructura, especialmente en el sector salud, como se observa en este texto. La metodología adoptada, que fue tanto cualitativa como cuantitativa, se basó en la explicación teórica, la investigación documental y el trabajo de campo en municipios de la región REGINT del MOC, e incluyó la observación directa y entrevistas con 16 gestores públicos (secretarios municipales y alcaldes) a quienes se les preguntó sobre los principales problemas de la región, las formas y los medios para abordarlos y las posibles soluciones.

Palabras clave: Red Urbana; Ciudades Medianas; Ciudades Pequeñas; REGINT del MOC.

Introdução

O estudo sobre as redes urbanas constitui-se um tema clássico na ciência geográfica especialmente quando sua análise envolve os processos mundiais de globalização e de reestruturação produtiva que intensificam os fluxos de capitais, pessoas, mercadorias no sistema urbano global. Esse cenário não se desvincula do contexto urbano contemporâneo mundial, no qual o Brasil integra-se caracterizando o estágio atual de urbanização do país. As interações entre cidades, lugares e regiões; processadas mediante ciência, técnica, informação, transportes e comunicação não são configuradas equitativamente, tendo em vista que o “espaço global é formado por redes desiguais que, emaranhadas em diferentes escalas e níveis, se sobrepõem e são prolongadas por outras”. (Corrêa, 2012). Dessa forma, as redes geográficas são configuradas (Corrêa, 1997) pelas cidades que passam a desempenhar novos papéis nas redes urbanas, a partir de interações espaciais diversas.

Dentre as discussões sobre as interações nas redes urbanas, a Teoria das Localidades Centrais desenvolvida por Christaller (1966) permite estabelecer relações entre as várias redes geográficas no mundo configuradas em cidades, regiões e países em sua dimensão espacial, dada as formas de produção, circulação, distribuição e consumo, por que a sociedade está inserida em uma economia global; com uma nítida divisão social e territorial do trabalho que polariza pobres e ricos; destacando-se a especialização produtiva entre países. Tem-se, desse modo, uma dimensão relevante e típica do capitalismo no início do século XXI.

No Brasil os geógrafos Milton Santos (1999), Roberto Lobato Corrêa (2012, 2006, 2004, 1997), Ralfo Matos (2005) e a geógrafa Beatriz Ribeiro Soares (1999, 2024) situam-se entre os principais expoentes nessa temática. Suas análises fornecem um quadro histórico e contemporâneo para a compreensão da complexidade e densidade do território nacional articulado em redes urbanas.

Santos (1999) compreende a construção da Geografia a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os primeiros fixos em cada local, permitem ações que modificam o próprio lugar com fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais. Enquanto, os fluxos são resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. A interação de elementos fixos e fluxos expressa a realidade geográfica e desse modo, conjuntamente, aparecem como objeto possível para a Geografia.

Nesta perspectiva, Corrêa (1997) define a rede urbana como uma síntese das redes geográficas que congrega nós de onde se constitui uma polarização de pontos de atração e de fusão. É através da circulação a partir de meios de transportes diversos que se tem os fluxos centrípetos e centrífugos. Nesse sentido, as redes podem ser locais, regionais, nacionais e globais. Os tipos existentes de redes são classificados como: ramificação, circuito, barreira e christalleriana. As configurações que uma rede pode apresentar são: estrela, linear, ortogonal, superposição e empilhamento. Dentre os fatores que diferenciam os tipos de rede urbana, destacam-se o grau de polarização entre as cidades a ela pertencentes, a natureza dos serviços prestados, a estrutura dos serviços e a variedade de elementos do arcabouço urbano. (Corrêa, 2012).

Para Matos (2005) as redes, de fato, expressam múltiplas dimensões socioespaciais, urbanas e não urbanas, e traduzem muito bem as materialidades acopladas aos espaços em movimento. Indicam, por exemplo, lugares articulados por fluxos multivariados, como os de pessoas, capitais, informações, ideias e até culturas.

Soares (1999) assinala as tendências da rede urbana brasileira nas últimas décadas, a saber: interiorização do fenômeno urbano; acelerada urbanização das áreas de fronteira econômica; crescimento populacional das cidades médias; periferação dos centros urbanos; formação e consolidação de aglomerações urbanas metropolitanas e não metropolitanas; mudanças no formato das redes urbanas regionais; peso populacional crescente das aglomerações urbanas metropolitanas e dos centros médios.

A industrialização, a melhoria geral da circulação, o desenvolvimento de uma estratificação social mais complexa, criando níveis de demanda mais diferenciados, a modernização do campo e a incorporação de novas áreas incidiram em uma complexificação funcional dos centros urbanos no Brasil. A posição de cada centro na hierarquia urbana não é mais suficiente para descrever e explicar a sua importância na rede de cidades, é necessário que se considere suas especializações funcionais, sejam industriais ou vinculadas aos serviços, muitos das quais criadas recentemente. (Corrêa, 2012).

Nos tempos que correm as relações processadas entre cidades, conformam redes urbanas, concomitantemente, de modo hierárquico ou tipo christalleriano (Christaller, 1966; Santos, 1999) e não hierárquico ou de múltiplos circuitos (Corrêa, 2012). Uma vez que, a complexidade das relações traduz-se em alguns tipos envolvendo convergência e divergência, refuncionalização, intercausalidade e o papel da escala espacial. Corrêa (2006) postula que a rede de cidades se mantém como um sistema integrado e hierarquizado constituído desde pequenos aglomerados às regiões metropolitanas ou grandes cidades. No entanto, suas conexões adquirem contornos complexos, agora não mais exibindo um padrão exclusivamente christalleriano e muito menos dendrítico, mas se estabelece uma relação de múltiplos circuitos na rede urbana.

Observa-se que as contribuições desses estudiosos nesse tema estão alicerçadas em bases teóricas e diversos campos de abordagem da geografia urbana e regional do país e suas discussões são imprescindíveis para avançar e qualificar a análise da atual rede urbana brasileira, debatendo-as e fomentando novos estudos, mediante os desafios da atual urbanização, principalmente, na perspectiva do planejamento, da gestão e das políticas públicas.

Compreende-se nesta discussão os espaços não metropolitanos, ou seja, as cidades médias e as cidades pequenas, que compõem parte importante da rede urbana no país. São inúmeros centros urbanos, alicerçados pelos avanços tecnológicos nos meios de transportes e comunicação que estabelecem intensos fluxos, quer sejam de dependência, subordinação ou complementaridade, sobretudo, entre si, dinamizando os espaços regionais em que se inserem.

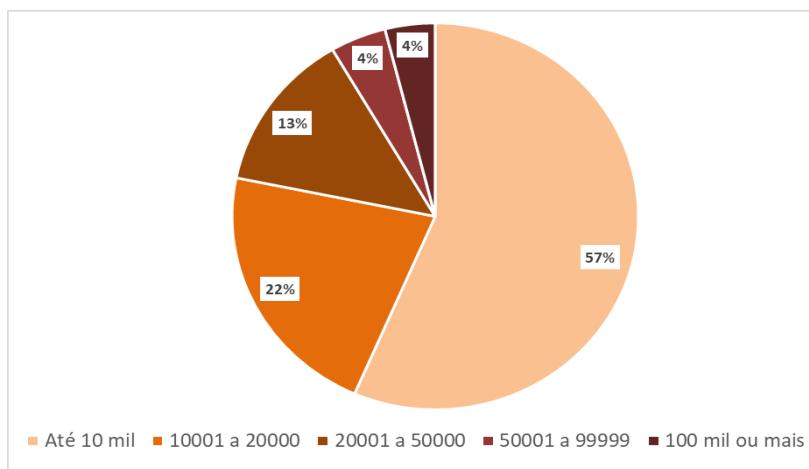
Sobre este tema existem duas importantes Redes de Pesquisas no Brasil⁴ que analisam as cidades médias e as cidades pequenas: a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias/ Recime e a Rede Nacional de Pesquisadores de Pequenas Cidades – Mikripoli, que foram

⁴ Acessos: <https://recime.com.br/>; www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7569697792417528

criadas por pesquisadores brasileiros em momentos diferentes e desenvolvem pesquisas sobre a temática.

Conforme os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2022 a população do Brasil era equivalente a 203.062.512 habitantes naquele ano. Para a distribuição espacial dos municípios com menos de 100 mil habitantes em Minas Gerais foram estabelecidos quatro estratos de população a saber: 1) até 10.000 habitantes; 2) de 10.001 até 20.000 habitantes; 3) de 20.001 até 50.000 habitantes; 4) de 50.001 até 99.999 habitantes. Os Gráficos 1 e 2 permitem examinar o número de municípios de acordo com a referida divisão. É possível verificar no Gráfico 1 que 57% do total de 853 municípios existentes em Minas Gerais possuem até 10 mil habitantes, sendo que apenas 4% dos municípios possuem população superior à 100 mil habitantes.

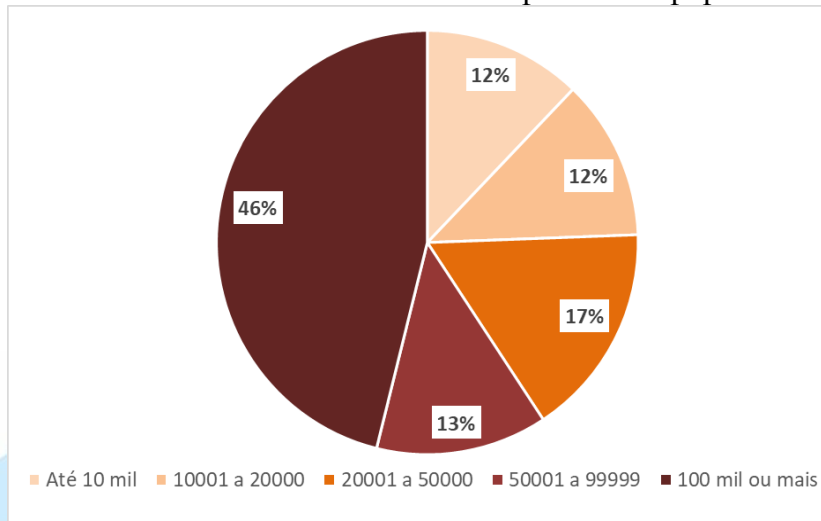
Gráfico 1 – Minas Gerais: Número de municípios por estrato populacional, 2022



Fonte: IBGE, 2022. Adaptado pelo autor.

No Gráfico 2 pode-se observar que a maioria da população, cerca de 54% residem em municípios com menos de 100 mil habitantes, 25% residem em municípios com até 20 mil habitantes, enquanto que 46% da população reside em municípios com população de 100 mil ou mais habitantes.

Gráfico 2 – Minas Gerais: Total de habitantes por estrato populacional, 2022



Fonte: IBGE, 2022. Adaptado pelo autor.

Estes dados demonstram que os espaços não metropolitanos em Minas Gerais, que possuem até 100 mil habitantes, têm relevante expressão demográfica, as cidades desse porte estão distribuídas por todo o Estado e tem importância tanto em quantidade quanto em contingente populacional. (Gráficos 1 e 2).

Diante desse contexto, algumas questões norteiam a análise deste texto: como se configura a rede urbana na REGINT de MOC? Quais são as funções dos centros urbanos, seus elementos estruturadores (fixos e fluxos) e as ações de agentes envolvidos em sua materialização?

Nesse sentido, o presente artigo analisa as dinâmicas concernentes à rede urbana conformada por cidades médias e cidades pequenas na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros/REGINT de MOC.

As cidades médias e pequenas analisadas neste artigo estabelecem interações espaciais a partir de elementos fixos como as estruturas de transportes, de prestação de serviços como saúde e educação, além de comércios especializados, repercutindo na dinâmica regional. O principal motivo para o deslocamento de população da região para Montes Claros é o atendimento no setor de saúde.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste artigo foram: a) explanação teórica sobre o tema rede urbana, b) coleta de dados secundários demográficos e econômicos (PIB) acerca dos municípios pesquisados (escala Brasil) de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e dados de fluxos de saúde referentes à pesquisa Região de Influência das Cidades/REGIC (IBGE, 2018, 2020) e c) pesquisa de campo realizada em municípios localizados na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros/REGINT de MOC, com observação direta e realização de entrevistas por meio de roteiro estruturado com 16 gestores públicos (prefeitos, vice-prefeitos ou secretários de desenvolvimento econômico ou de infraestrutura, nos municípios de Bocaiuva, Capitão Enéas, Cristália, Francisco Dumont, Glaucilândia, Grão Mogol, Ibiracatu, Janaúba, Japonvar, Jequitaiá, Lagoa dos Patos, Mirabela, Pedras de Maria da Cruz, Riacho dos Machados, São João do Pacuí, Verdelândia) para identificar os principais problemas urbanos existentes na área pesquisada, cujos resultados foram analisados por meio de recursos iconográficos compostos por mapas e gráficos.

A presente pesquisa adotou uma abordagem geográfica analítico-cartográfica, com o objetivo de compreender a organização espacial, a hierarquia urbana e os fluxos regionais na região intermediária de Montes Claros, em Minas Gerais, com ênfase nas regiões imediatas de Montes Claros, Pirapora, Januária, Janaúba, Salinas, Espinosa e São Francisco.

Inicialmente, foi realizada a delimitação e mapeamento das regiões geográficas imediatas mencionadas, conforme a divisão territorial proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível no portal de Regiões Geográficas de 2022 (IBGE, 2022). A organização e tratamento dos dados realizou-se por meio do software R Studio, o que possibilitou a estruturação de um banco de dados consistente para posterior análise espacial.

A produção cartográfica foi conduzida no software *ArcMap*, que permitiu a criação de mapas temáticos representando as divisões regionais, os fluxos urbanos e a hierarquia dos centros analisados. Com o uso de técnicas de geoprocessamento, foi possível evidenciar as relações espaciais entre os municípios e a configuração funcional da rede urbana da região intermediária de Montes Claros.

Posteriormente, foram incorporados dados provenientes da pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC), nas edições de 2018 e 2020 (IBGE, 2020), com o intuito de representar a hierarquia urbana, a centralidade e os fluxos de saúde estabelecidos entre os centros urbanos da área de estudo. Através da análise dos níveis de influência, das conexões funcionais e das redes urbanas, foi possível atribuir diferentes pesos às cidades, evidenciando sua inserção na rede urbana regional.

A sobreposição das informações obtidas a partir das regiões imediatas com os dados da REGIC permitiu a construção de representações espaciais que ilustram não apenas a

configuração territorial, mas também o papel funcional dos centros urbanos na rede geográfica, seus vínculos com outras localidades e o raio de ação de sua influência.

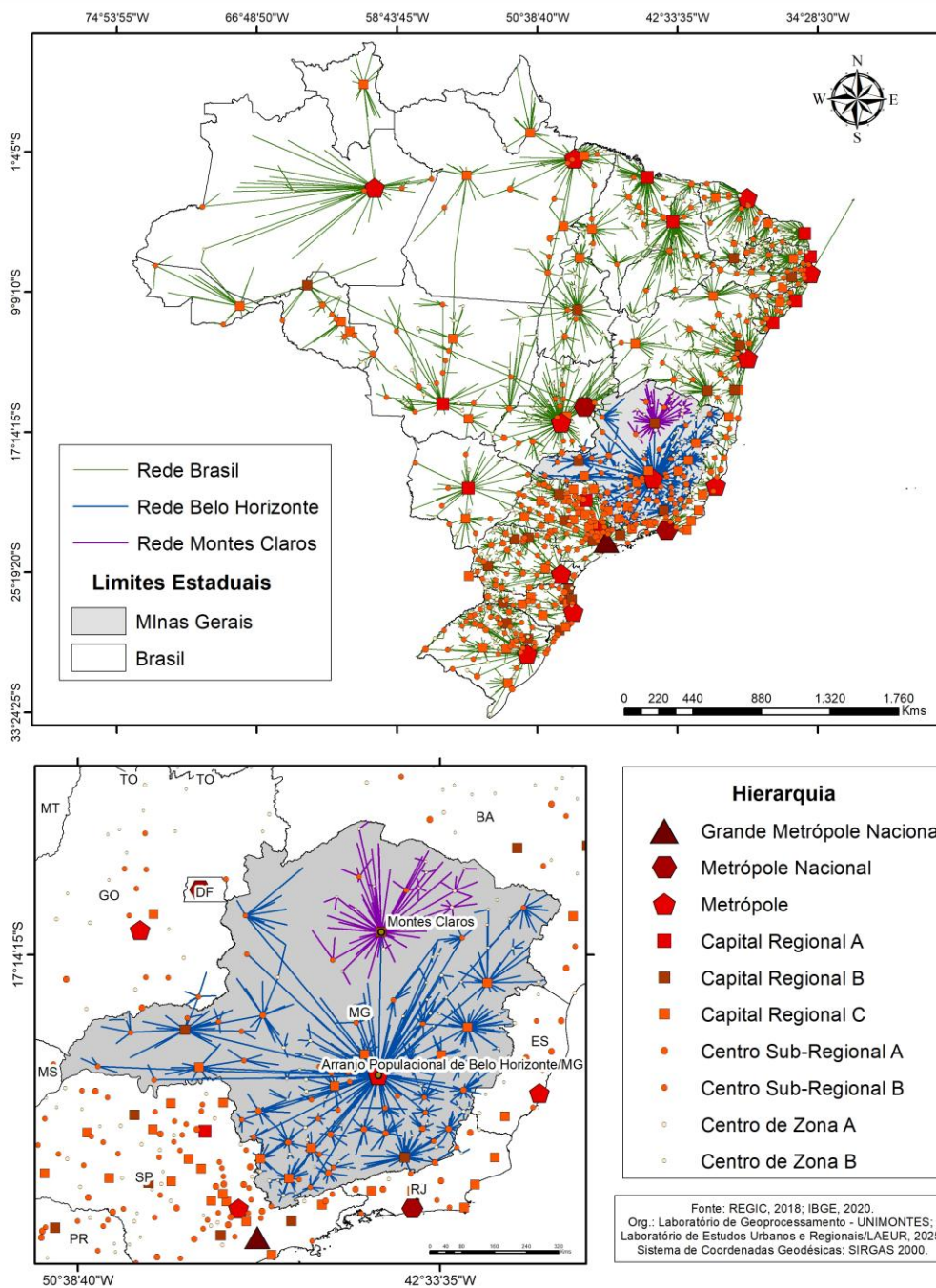
Dessa forma, a metodologia combinou análise territorial, produção cartográfica e interpretação crítica dos dados estatísticos e geográficos disponíveis, com o objetivo de contribuir para o entendimento da dinâmica urbana e regional da região geográfica intermediária de Montes Claros, MG, Brasil, no contexto da atual da urbanização.

A Rede Urbana na REGINT de Montes Claros/MG

Corrêa (2016) aponta que a rede urbana brasileira integrada a globalização, nas últimas décadas do século XX tornou-se mais complexa, a partir de contextos políticos, econômicos e sociais no novo milênio expressando mudanças importantes de 50 anos de industrialização rápida e tardia, seguidos por suas décadas de estagnação, incertezas e reformas profundas na política econômica e na forma de intervenção do estado na economia e na sociedade. Diante disso, o autor assinala as novas formas da urbanização no processo de transformação da rede urbana brasileira/RUB (desenvolver esse argumento) composta por centros industriais especializados, diversificados e dotados de grande dinamismo, significando que lugares centrais, de certas regiões densas e prósperas, criaram regiões urbanizadas, através de sua coalescência, gerando a megalópole, corredores litorâneos e novas aglomerações com eixos urbanizados. A configuração atual da RUB revela novas dinâmicas urbanas e regionais, para além do padrão metropolitano instituído desde os seus primórdios, apontando a importância de se compreender no tempo presente as interações espaciais estabelecidas entre cidades e regiões em sua totalidade, considerando sua forma, estrutura, função e conteúdo.

No contexto atual da urbanização brasileira, em suas características gerais, retrata-se o processo de interiorização da rede urbana, a partir da relevância demográfica e econômica desempenhada pelas cidades médias e pequenas desde as últimas décadas do século XX. O estrato populacional composto por municípios com população de até 100 mil habitantes abriga 43% da população do país, enquanto os municípios da faixa demográfica entre 100mil e 500mil habitantes equivale a 31% do total. Quanto ao Produto Interno Bruto/PIB, os municípios com população de até 500 mil habitantes concentram 65% da produção econômica do país. (IBGE, 2022). A rede urbana brasileira, de acordo com os estudos do IBGE, estabelece-se a partir de três metrópoles nacionais e doze metrópoles regionais refletindo uma organização de múltiplos circuitos altamente complexos e comandada por um conjunto de metrópoles, como pode ser observado no mapa 1.

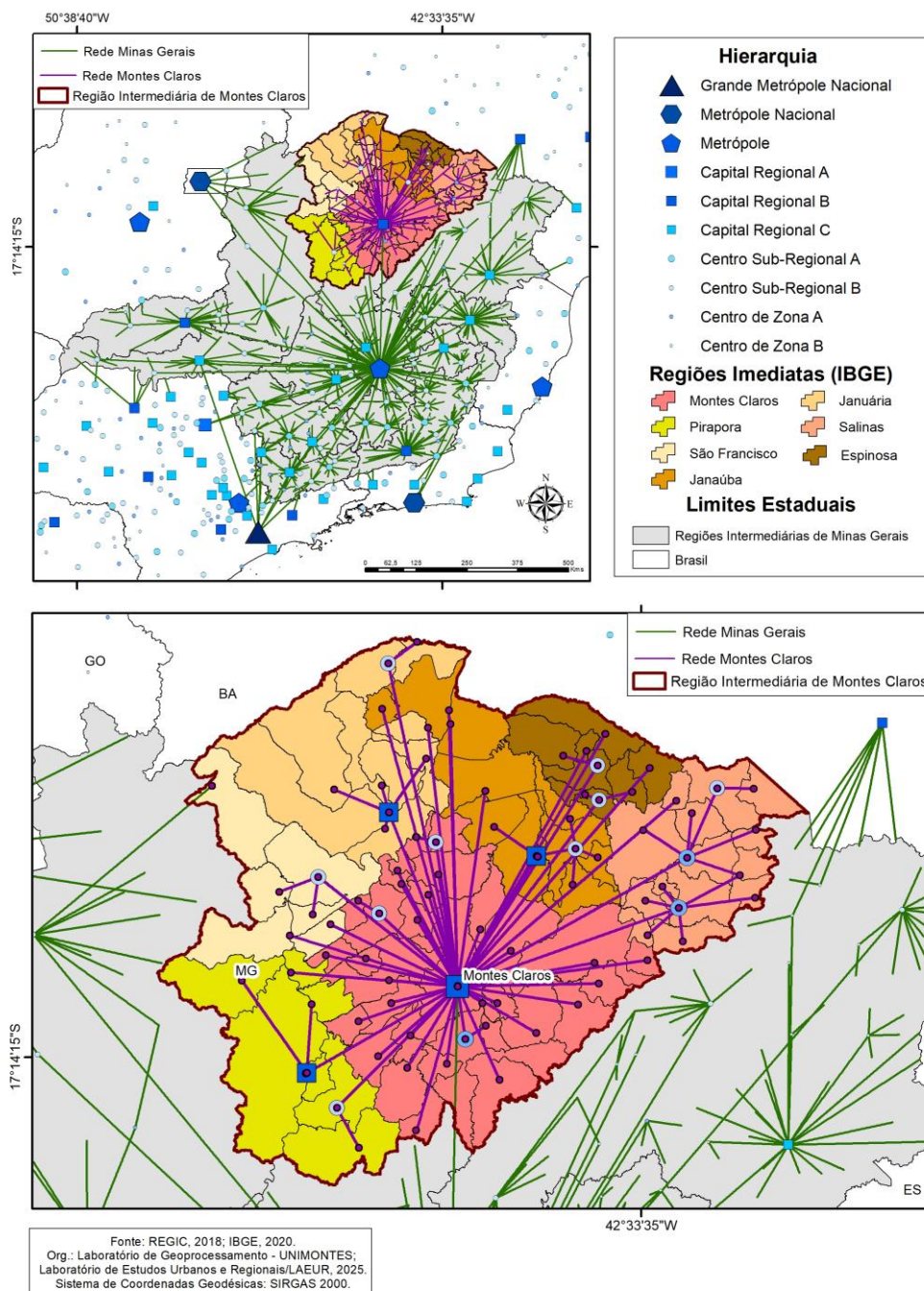
Mapa 1 – Brasil: Regiões de Influência das Cidades/REGIC, IBGE (2018)



Em Minas Gerais a metrópole Belo Horizonte interage diretamente com os principais centros urbanos do país, notadamente, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador, além do conjunto de cidades do estado como um todo.

De acordo com a REGIC (IBGE, 2018) Belo Horizonte configura-se como a maior rede urbana do país em número de municípios, sendo composta por 752 centros urbanos. Pertencentes à Região de Influência de Belo Horizonte, destaca-se neste artigo Montes Claros, classificada como Capital Regional B, tendo Pirapora, Janaúba e Januária como Centros Subregionais B (IBGE, 2018) sendo que Janaúba e Pirapora constituem-se também como Arranjos Populacionais (AP Janaúba e AP Pirapora). (IBGE, 2015). Salinas é classificada como Centro de Zona A e São Francisco e Espinosa como Centros de Zona B. (IBGE, 2018). (Mapa 2).

Mapa 2 – Região Geográfica Intermediária de Montes Claros/REGINT de MOC: Hierarquia Urbana (IBGE, 2018)



Estes municípios integram a Região Geográfica 5 Intermediária de Montes Claros 6 /REGINT de MOC estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2017). Esta região é composta por 86 municípios e possui extensão

⁵ Na Classificação do IBGE denominada Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (2017) há uma mudança na composição dos municípios do Norte de Minas (antiga denominação Mesorregião Norte de Minas) para Região Intermediária de Montes Claros, passando de 89 para 86.

⁶ Montes Claros é uma importante cidade média de Minas Gerais constituída como centralidade econômica e regional, entre outros fatores, como já constatado nas pesquisas desenvolvidas pelo IBGE sobre Rede e Hierarquia Urbana (1972, 1987, 1993, 2007, 2002 e 2018) e por Amorim Filho (1982), Pereira (2007), Leite (2003), Leite (2011), França (2007, 2012), Gomes (2007), entre outros.

territorial de aproximadamente 128.602 km², o equivalente a 21,85% do estado de Minas Gerais. A REGINT de MOC reúne sete Regiões Geográficas Imediatas/REGIMs, sendo elas: Espinosa, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora, Salinas e São Francisco.

Com exceção de Montes Claros, que possuía em 2022 população superior a 400 mil habitantes, os demais centros urbanos apresentavam população inferior a 100 mil habitantes. Destacam-se Janaúba (70.669), Januária (65.150), Pirapora (55.606), São Francisco (52.762), Salinas (40.178) e Espinosa (30.443). (CENSO do IBGE, 2022).

Nessa conjuntura, tem-se a rede urbana regional. Montes Claros integrada com Pirapora, Janaúba e Januária que se projetam como as mais importantes centralidades nesta região geográfica, como atestado pelas pesquisas desenvolvidas por França (2012), Pereira (2007), Hermano (2006), Souza (2008) e Dourado (2020) que as qualificam como cidades médias.

Nessa perspectiva, Andrade e Serra (2001) evidenciam o papel estratégico das cidades médias no Brasil o que permite compreender a centralidade que exercem nas regiões em que se inserem:

- interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional subordinado quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;
- tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um leque bastante claro de bens e serviços ao espaço microrregião a elas ligados;
- capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, oferecendo trabalho e interrompendo o movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas; relações de dinamização com o espaço rural microrregional que o envolve e
- a diferenciação do espaço intraurbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica.

Recentemente Moura, Nagamine e Ferreira (2021) elaboraram uma atualização das pesquisas desenvolvidas pelo IBGE através da publicação REGIC, após 1970, que evidencia o urbano brasileiro no início do século XXI. Os resultados apontam a importância das redes urbanas regionais na evolução do sistema urbano nacional predominando a metropolização do espaço, cujas centralidades principais, as metrópoles e capitais regionais, estruturam seus entornos e comandam a integração nacional e a inserção do país na divisão regional do trabalho.

As principais formas das cidades neste estágio da urbanização, conforme antecipado em Ipea (2016), correspondem a grandes aglomerações ou espaços expandidos de concentração, que assumem uma dimensão regional. Favorecidos por intensa mobilidade pendular, esses espaços configuram arranjos espaciais, adensados e contínuos nos interiores e descontínuos em seus vetores de expansão, muitos com natureza urbano-regional. Articulam-se a esses espaços centralidades intermediárias (centros sub-regionais e centros de zona) no interior do território, que se consolidam e reforçam a rede de cidades e a hierarquia de centros, correspondendo às porções com maior intensidade da urbanização. (Moura, Nagamine, Ferreira, 2021, p.10).

Os meios de circulação, sobretudo, o rodoviário, no Norte de Minas são eixos articuladores da rede urbana regional. No caso da REGINT destaca-se a rede aeroviária instalada em Montes Claros em razão de sua posição geográfica (elo entre as regiões sudeste, nordeste e centro-oeste do país), configurando a centralidade regional e nacional nestes setores. Em outras palavras, demonstra a influência que esta capital regional exerce em Minas Gerais. Em 2024 o aeroporto Mário Ribeiro, em Montes Claros, registrou 9,9 mil pousos e decolagens com embarque e desembarque de 355,2 mil passageiros. Isso representou alta de 6,2% em comparação com o ano de 2023. (ANAC, 2025).

França, Santos e Souza (2024, p.13-14) atestaram esta condição:

Montes Claros é classificada pelo Plano Rodoviário Nacional 7 como importante entroncamento rodoviário do país. O município é cortado pelas BR 135, BR 365 e BR 251; e pelas MG 308 e MG 122. Como a maior centralidade na região em que se insere tem uma grande população flutuante e a sua situação geográfica⁸ a conecta com a capital estadual Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília/DF, Uberlândia e outras cidades do Centro Sul e Nordeste do país.

Também se destaca as importantes sedes das regiões imediatas que se constituem em importantes entroncamentos rodoviários: Pirapora é cortada pelas BR 365 e BR 469; Janaúba é cortada pelas MG 122, MG 401 e MG 202, e Janaúria é servida pela BR 135 e pelas MG 161, MG 135 e MG 479. Janaúba, Janaúria e Pirapora possuem rodovias que as ligam a Montes Claros e a outros municípios que compõem suas hinterlândias, denotando suas centralidades nessas escalas.

A malha rodoviária da REGINT MOC configura-se como importante sistema de transportes para a circulação, densidade e fluidez do território. Como efeito, a população se desloca para o atendimento especializado e diversificado de serviços e comércios, entre outros, de maior complexidade que não possuem em seu município de origem.

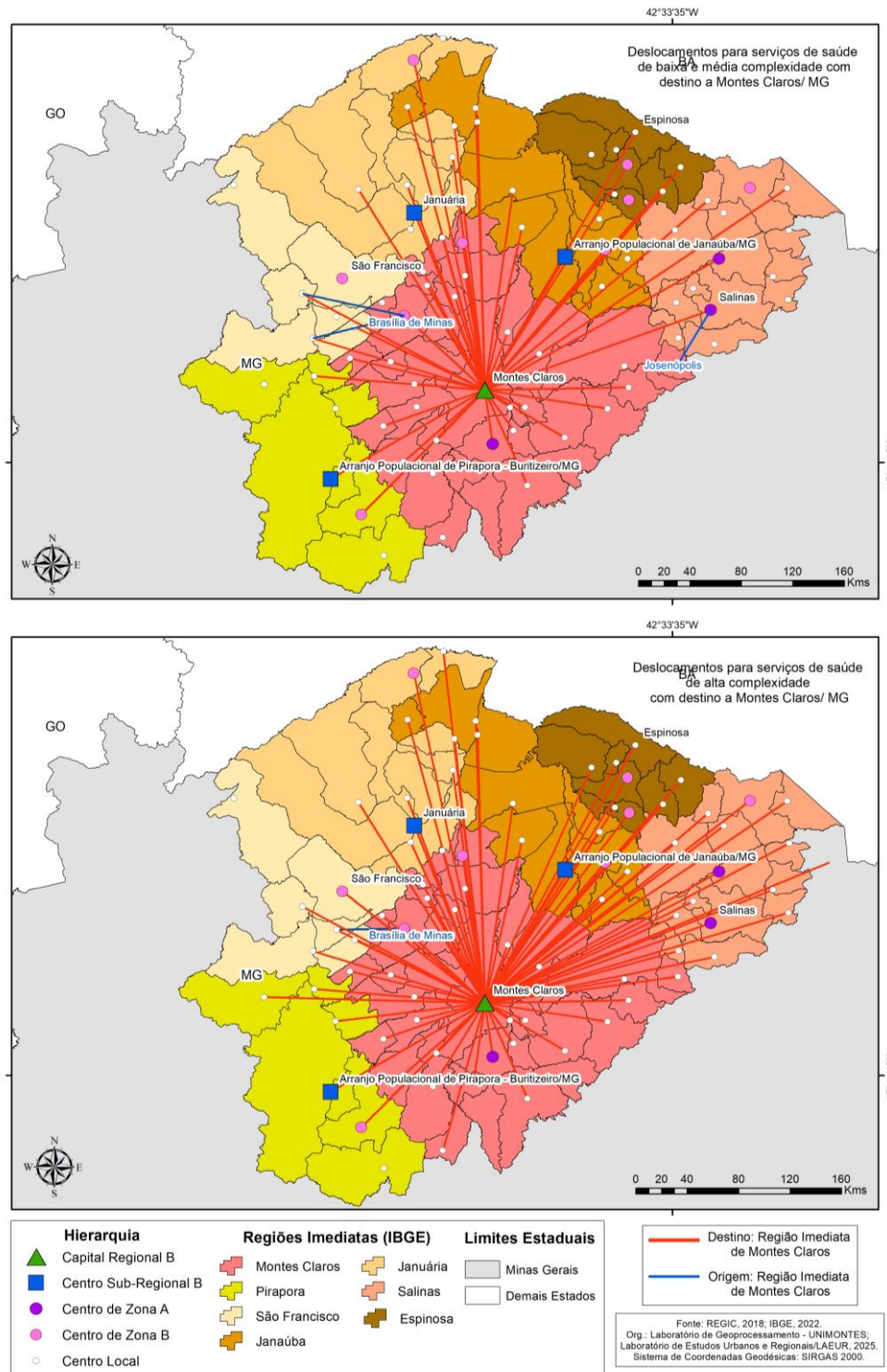
Na variável saúde Montes Claros foi classificada em 28^o lugar com índice equivalente a 260.641,9, conforme o IBGE/REGIC (2018, p.113) e apresenta atração para serviços de saúde de alta complexidade que extrapola a região geográfica que centraliza e divide espaço com a região de influência de Belo Horizonte, além de sobrepôr às centralidades de Diamantina e Teófilo Otoni. (FRANÇA et al, 2024).

O mapa 3 retrata a centralidade exercida por Montes Claros na REGINT em razão da oferta diversificada e especializada em serviços de saúde de baixa, média e alta complexidade, em que se destaca a centralidade por deslocamentos para saúde de alta complexidade, no ano de 2018.

⁷ IBGE. Ligações rodoviárias e hidroviárias 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b.

⁸ A posição geográfica é um importante critério para identificar as cidades médias. De acordo com Sposito (2001), a distância que as cidades médias se encontram das metrópoles é um fator relevante para a sua centralidade. Tanto maiores poderão ser os papéis urbanos de uma cidade, quanto mais distante estiver de outras que, pertencentes a níveis superiores da hierarquia urbana, possam oferecer mais bens e serviços à sociedade. Aceitando-se esse raciocínio, a distância de grandes centros urbanos poderia ser uma das determinantes de maior ou menor importância de uma cidade.

Mapa 3 – REGINT de Montes Claros: Deslocamentos para serviços de saúde de alta, média e baixa complexidade, 2018



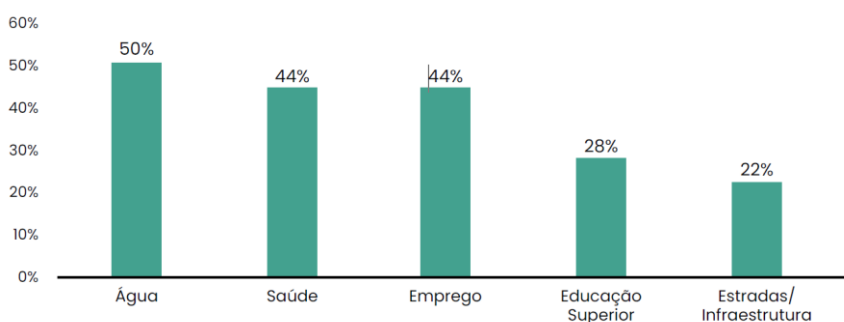
Observa-se que o deslocamento para atendimento de saúde de alta complexidade é quase totalmente direcionado para Montes Claros, que é o município central da Região Intermediária. Em Montes Claros encontram-se os principais serviços hospitalares de alta complexidade, bem como centros de medicina diagnóstica especializada, pois Montes Claros é o município polo da macrorregião Norte de Saúde de Minas Gerais. O setor de saúde apresenta

grande destaque devido à organização e a existência de serviços médicos especializados e uma rede de hospitais e clínicas interligadas, sendo referência regional. Nesse sentido, um grande contingente populacional oriundo de cidades vizinhas se dirige a esta cidade média à procura desses tipos de serviços.

Para os casos de atendimento de baixa e média complexidade há deslocamentos para os municípios que são sedes de Regiões Imediatas/REGIMs. Estes municípios, notadamente Janaúba, Janaúria, Pirapora, Salinas, São Francisco e Espinosa, configuram-se como importantes centros de serviços em saúde, principalmente, de média complexidade.

França et al (2024) realizaram pesquisa com gestores públicos de 16 municípios da REGINT de MOC. Os gestores foram indagados sobre os principais problemas da região cujo enfrentamento e solução precisariam ser conduzidos regionalmente, isto é, para além das iniciativas municipais individualizadas. As respostas obtidas estão representadas no gráfico 3.

Gráfico 3 – Os principais problemas da REGINT de MOC, na visão dos gestores municipais



Fonte: França et al (2024).

O acesso à saúde (50%) é um dos principais desafios regionais, conforme os gestores públicos, porque o Sistema Único de Saúde/SUS do Brasil é organizado por meio de hierarquia de competências e pactuações. A partir da década de 1990 a responsabilidade sob as unidades públicas de provisão de serviços de saúde passaram a ser torna-se dos estados e municípios (Fleury et al., 2010). A regionalização de saúde no Norte de Minas Gerais se fundamenta na composição de consórcios, sendo que Montes Claros é a sede de importantes Consórcios Intermunicipais de Saúde como o CISRUN (Rede de Urgência do Norte de Minas) e o CISARVG (da Microrregião do Alto Rio Verde Grande), onde se objetiva a otimização dos custos para maior oferta de serviços de saúde especializados.

Municípios com maior capacidade de suporte hospitalar em alta complexidade, como Montes Claros recebe a demanda por esse tipo de assistência conforme a pactuação com outros municípios. Assim, os consórcios intermunicipais de saúde funcionam como peça importante dessa engrenagem do SUS.

Nesse sentido, o planejamento da distribuição espacial estrutura hospitalar e de medicina diagnóstica de alta e média complexidade deve ser feito em ampla discussão e pactuação entre os municípios. As sedes das Regiões Imediatas cumprem função importante nesse arranjo e, precisam cada vez mais oferecer serviços de saúde de alta complexidade para desconcentrar o atendimento feito na sede da REGINT de MOC. Com isso, pode-se reduzir a necessidade de deslocamentos rodoviários diários em trechos com distâncias superiores a 100km.

Certamente, os acessos à água (44%), o emprego (44%) e a educação superior (28%) apontados como problemas regionais relevantes, devem também serem tratados no âmbito do planejamento regional. Para tanto, há instâncias de articulação regionais⁹ como a Associação

⁹ Registra-se outros instrumentos de planejamento e gestão integrada em curso, bem como as proposições existentes no Norte de Minas Gerais como as Associação Intermunicipais, por exemplo, a Agência de Desenvolvimento do Norte de Minas/ADENOR, além do Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Ambiental Sustentável do Norte de Minas/CODANORTE. Encontra-se também em tramitação na Assembleia

dos Municípios da Área Mineira da SUDENE – AMAMS e a Associação dos Municípios do Médio São Francisco – AMESF.

Estes dados são relevantes para os processos de planejamento e de gestão, tendo em vista, a implementação de políticas públicas que minimizem as disparidades regionais contribuindo para a melhoria das condições de vida da população. As cidades médias e pequenas, em suas especificidades, ao configurarem redes urbanas regionais desempenham importante protagonismo nesta discussão. Com base nisso, França et al (2024) refletem a atual urbanização brasileira e os seus impactos não somente no espaço regional, na economia e na política, mas também na vida das populações da REGINT de MOC. Diante disso, os autores avaliam que é imperativo situar as históricas interações entre os municípios como fator central de análise. Além disso, ampliar o olhar para as especificidades dos centros urbanos na perspectiva da heterogeneidade interna dessas áreas. Consideram que a análise destes aspectos, no seu contexto histórico-geográfico, permitirá compreender sua dinâmica econômica, demográfica, política, espacial e social. Assim, o planejamento no nível regional pode ser potencializado, com vistas à melhoria da qualidade de vida da população dos municípios, considerando suas especificidades, heterogeneidades e as transformações significativas neles materializadas.

A esse respeito, elucida-se os resultados recentes de pesquisa desenvolvida por Motta et al (2024) sobre centralidade, competitividade e governança das cidades médias no Brasil, no âmbito do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA. Os autores identificaram 230 cidades médias com este perfil distribuídas entre as regiões geoeconômicas da Amazônia, Nordeste e Centro-Sul. Analisaram, de forma integrada, os critérios demográficos e a situação geográfica, adotando a definição de cidade média considerando o seu papel e características na rede urbana, a dinâmica da urbanização na região em que situa e as estruturas urbanas espaciais que as caracterizam. Montes Claros foi contemplada nesta pesquisa em razão da centralidade exercida em aproximadamente 90 municípios de Minas Gerais em setores econômicos importantes, oferecendo uma diversidade de serviços e bens. Além de irradiar aspectos inovadores da sociedade contemporânea aos municípios sob sua área de influência, a partir desta cidade média intensificam-se as interações socioculturais entre os mesmos e ao mesmo tempo, criam-se novas centralidades em Montes Claros. Todavia, o processo de fragmentação do espaço urbano é ali incrementado.

O estudo desenvolvido por Motta et al (2024) reforçou que as cidades médias desempenham papel crucial no desenvolvimento nacional, conectando diferentes regiões e fortalecendo a descentralização econômica. No entanto, para que cumpram essa função plenamente, é essencial investir em infraestrutura, modernizar a gestão urbana e melhorar as conexões regionais, garantindo crescimento sustentável e equilibrado.

Considerações Finais

Corrêa (2012) fornece um importante cenário sobre a estabilidade de uma dada rede urbana, reflexo de processos do passado e do presente, que podem implicar em sua refuncionalização, isto é, no surgimento de uma “nova rede urbana”, que se traduz em transformações mais ou menos intensas, alterando o número de centros, seus padrões locais, o número de seus habitantes, suas funções e suas interações, internas e externas à rede, em termos de natureza, direção e intensidade. Por conseguinte, o autor relata que os novos processos provocam novas funções e interações, que por sua vez, inibem, em maior ou menor grau, o caráter de condição de reprodução que caracteriza uma rede urbana dotada de relativa estabilidade. As alterações na rede urbana derivam de um embate entre antigas e novas funções e interações.

Legislativa do Estado de Minas Gerais/ALMG o Projeto de Lei Complementar no 11/2015 que prevê a instituição da Região Metropolitana de Montes Claros/MG.

Nesse contexto, as cidades médias e pequenas compõem um estrato importante da rede urbana brasileira por meio dos dinamismos demográficos e econômicos que exibem e, sobretudo, por constituírem-se como os espaços em que a maior parte da população vive e se reproduz.

Desse modo, a análise do tema rede urbana a partir de cidades médias e pequenas representa um desafio, que pode ser identificado por meio dessas reflexões em que as dinâmicas concernentes à rede urbana conformada por cidades médias e cidades pequenas na Região Geográfica Intermediária de Montes Claros/REGINT de MOC podem ser um exemplo do que ocorre no país no que diz respeito ao processo de urbanização contemporâneo.

O aparato infraestrutural que Montes Claros dispõe no setor de saúde propicia a atração de população proveniente das demais cidades da região geográfica que possuem menor complexidade na oferta de bens e serviços urbanos. Esta cidade média destaca-se como o nó de conexão do espaço urbano regional articulada aos demais centros urbanos, o que lhe confere o papel de núcleo estratégico na referida rede urbana.

As interações espaciais estabelecidas entre as cidades médias e as pequenas cidades da região são predominantemente de natureza de subordinação e complementariedade quanto ao acesso a serviços especializados e diversificados, comércios atacadistas e varejistas, empregos e transportes, através do sistema de estrutura fixa que possui, entre os modais de transportes de passageiros, de bens e de serviços que possibilita a interligação entre as cidades, notadamente, no plano regional. Há que se destacar o modal aéreo em Montes Claros que tem grande relevância, pois conecta cidades médias e cidades pequenas a capital do estado e demais centros urbanos nacional e internacionalmente.

Como resultado dessas reflexões é possível afirmar que a condição de centralidade de Montes Claros, a partir dos fluxos a ela direcionados deve ser compreendida em um processo de urbanização de modo mais abrangente, particularmente a partir de elementos que combinem a compreensão das cidades que integram espaços articulados em redes; em seus contextos específicos; e os seus reflexos na escala das redes geográficas.

Destarte a consolidação dessa centralidade de comando regional deve ser compreendida pelos sistemas de drenagem de investimentos públicos, privados e atividades, além de processos de planejamento e de gestão que se balizem a efetiva demanda regional dos centros urbanos integrantes da rede urbana como um todo.

Os centros urbanos da REGINT poderão qualificar as formas de interação entre si, para além do padrão clássico de dependência e desigualdades e potencializar suas funções que podem reverberar em maior dinamismo e densidade de fluxos variados e implementação de infraestruturas na rede urbana regional.

Sublinha-se que a Geografia contribui de forma significativa para entender o mundo em suas complexidades no qual vivemos. Em decorrência do conhecimento produzido vários desafios estão postos, como por exemplo a permanência das desigualdades intra e interurbanas cada vez mais evidenciadas nos espaços urbanos contemporâneos. Para que este cenário se altere é primordial que as ciências estabeleçam ações, juntamente com instituições políticas, agentes públicos e privados, além dos atores sociais; de modo coletivo; que resultem em melhorias no cenário social, econômico, cultural e ambiental.

Agradecimentos

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Referências

- AMORIM FILHO, O., BUENO, M. E. T., Abreu, J. F. Cidades médias e o programa de ações sócio-educativas-culturais para populações urbanas carentes em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro/SP, v. 2, n. 23-24, 1982. p. 33-46.
- ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V.; (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.
- CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. Englewoods Cliffs: Prentice Hall, 1966.
- CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões sobre um tema persistente. **Revista Cidades**, v. 9, n. 16, 2012.
- CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.
- CORRÊA, R. L. Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Cidades**, v.1, n.1, Presidente Prudente, Grupo de Estudos Urbanos, p.65, 2004
- CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.
- DOURADO, L. F. N. **O espaço intra e interurbano de Januária no Norte de Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano, Regional e Demografia). Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território/PPGSAT, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Montes Claros, 2020.
- FLEURY, S.; OUVENEY, A.S.M.; KRONEMBERGER, T.S.; ZANI, F.B. Governança local no sistema descentralizado de saúde no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 28, n. 6, p. 446-55, 2010.
- FRANÇA, I. S. de; PEREIRA, A. M.; BORTOLO, C. A.; LEITE, M. E.; ALMEIDA, M. I. S. **Atlas Urbano e Regional: Pequenas cidades da região geográfica Intermediária de Montes Claros, MG (RGINT/MOC)**. 1. ed. Montes Claros: UNIMONTES, 2024. v. 1. 138p.
- FRANÇA, I. S. de; SANTOS, L. M. de O.; SOUZA, A. C. M. de. Rede urbana regional e interações espaciais a partir de cidades médias e pequenas na REGINT de Montes Claros/MG. **VII Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades/ SINAPEC**. Universidade do Vale do Paraíba/UNIVAP, São José dos Campos, SP. 28 a 30 de agosto de 2024. 21p. ISSN: 978-65-88226-14-8
- FRANÇA, I. S. **Aglomeração urbana descontínua de Montes Claros/MG: novas configurações socioespaciais**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2012. 393f.
- FRANÇA, I, S. **A cidade média e suas centralidades: O exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

GOMES, F. S. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais.** Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. 2007.

GOOGLE LLC. Google Earth Pro. **Dados de infraestrutura urbana.** Disponível em: <https://www.google.com/earth/>. Acessado em: 13 de maio de 2025.

HERMANO, V. M. **Janaúba/MG: uma cidade de médio porte no norte de Minas Gerais.** Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Processamento de Informações Espaciais, Belo Horizonte, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Áreas Urbanas de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Região Geográfica Imediata de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões Geográficas Intermediárias de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas>. Acesso em: 25 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico.** 2022. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros.html>>. Acessado em: maio/2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas e regiões imediatas e intermediárias.** Coordenação de Geografia: RJ, 82p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Arranjos populacionais e concentração urbana no Brasil.** Rio de Janeiro, 2015. 167 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Região de Influência das Cidades - REGIC:** Edições: 1972-1987-1993-2007-2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=o-que-e>>.

LEITE, M. E. **Geotecnologias aplicadas ao mapeamento do uso do solo urbano e da dinâmica de favelas em uma cidade de médio porte: o caso de Montes Claros/MG.** Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, (Tese de Doutorado em Geografia) 2011.

LEITE, R. F. C. Norte de Minas e Montes Claros: **O Significado do Ensino Superior na (re)configuração da Rede Urbana Regional.** 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MATOS, R. E. da S. **Espacialidade em rede: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo.** Belo Horizonte: C/Arte, 2005. 264 p. ISBN: 85 - 7623 - 024 -0.

MOTTA, D. M. da; EGLER, C. A. G.; NASCIMENTO, E.; SOBRINHO, F. L. A.; RIBEIRO, M. B.; ARRUDA, R. A. Centralidade, competitividade e governança das cidades médias do Brasil. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 14, n. 2, 2024.

MOURA, R.; NAGAMINE, L.; FERREIRA, G. REGIC: trajetória, variações e hierarquia urbana em 2018. **Texto para Discussão**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/IPEA. Brasília: Rio de Janeiro, 2021. 78 p.

OPENSTREETMAP. **Malha rodoviária de Minas Gerais. 2024**. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PEREIRA, A. M. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. (Tese de Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Hucitec, São Paulo, 1999.

SOARES, B. R. **Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização**. Presidente Prudente (SP): Pós-Graduação em Geografia – FCTUNESP, n. 6, 1999, p. 55-63.

SOUZA, A.C.S. **Pirapora, uma cidade média no Norte de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, J. R.; FRANÇA, I. S. de; SOARES, B. R. Região Geográfica de Uberlândia. In: Endlich, A.; Costa, S. (Org.). **Atlas de pequenas cidades mikropolitanas**. 1ed. Maringá: Perfil, 2025, v. 1, p. 125-150.

SOUZA, JOSIMAR R.; SOARES, BEATRIZ R. Qualidade de vida no contexto da Região de Influência de Cidades. **Revista UniVap**, v. 30, p. 1-13, 2024.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR/UNESP, 2001. p. 609-643.

Recebido em: 25/06/2025.
Aprovado para publicação em: 12/03/2026.